



OS MESMISSIMOS!

Nos tempos idos da propagação, quando a *Falerra de Manto e Corôa* era ainda um facto em Portugal, eu, republicano convicto e filiado, descobri-me sempre, sincera e respeitadamente, á passagem do estandarte real.

Nessa bandeira azul e branca, onde estava estampada a corôa real, insignia de reis tiranos e imoraes, eu via tambem a bandeira da Patria e deante d'ela me curvava reverente.

Do mesmo modo, me habi-tuei sempre a ouvir de pé e cortezmente os acordos do hino da Carta, unico que conhecia como o *Hino Nacional*.

Nem á minha consciencia de republicano, nem ao meu patriotismo de portuguez repugnaram vez alguma estes sentimentos de veneração que nunca deixei de manifestar.

F hoje, que nem a extinta bandeira azul e branca tremula em publico, nem as notas do antigo hino da Carta chegam aos meus ouvidos, eu não me arrependo de confessar que assim procedi e declaro até que se, por desgraça da Patria, o acaso fizesse com que novamente se voltasse ao antigo, eu não hesitaria um só momento em render-lhes as mesmas respeito sas homenagens.

Para mim, tudo o que possa envolver o respeito pela nacionalidade portugueza, quer sob a égide republicana, quer monarquica, tem no meu coração de patriota, um lugar selecto.

Acima de tudo, a Patria. Vem estas considerações a proposito da attitude que a chamada minoria monarchica se deu o direito de tomar em ple no parlamento.

Bem ou mal constituido, legal ou ilegalmente reunido, é mister reconhecer que, para efectos de moralidade, ao menos, esse parlamento, que ahi se elegeu como todos sabem, encarna a soberania da nação, emquanto outro lhe não succeder.

E ainda que nós, democraticos, não reconhecessemos essa soberania, os monarchicos, que tão fervorosamente defenderam a legalidade do ultimo acto eleitoral e agora tão senhores do seu papel se mostram como de legados do seu eleitorado, esses, certamente, não deixam de reconhecer que é o actual Congresso da Republica a expressão da vontade do povo, a soberania popular.

Pois, sabendo-se que, quando da inauguração ou abertura solene d'esse Congresso, se ou-

viu, na sala dos Passos Perdidos, tocar a *Portugueza*, os deputados e senadores monarchicos ouviram o Hino Nacional sentados nas carteiras, faz-se-ha facil ideia do que essa gente sente pela sua Patria.

Em pleno parlamento, os delegados do povo não se erguem respeitadamente perante o *Hino Nacional*, quando outros o fizeram, talvez só porque se dizem monarchicos!

Mas então só os republicanos é que têm o dever de respeitar o hino da Patria?

Sendo assim, só os republicanos são patriotas, só os republicanos são portuguezes.

E, como só portuguezes podem ser elegiveis para deputados e senadores, ficamos, pois, sabendo que essa chamada minoria monarchica é tão somente uma quadrilha de traidores, *boches* talvez, que ilegalmente tomou assento nas poltronas parlamentares.

A menos que não seja verdadeiro o facto que deixo apontado, mas, por mim e para com os que me não conhecem, ficam de penhor todos os leitores das jôrniaes da capital.

É um dos *sinões dos tempos* mais expressivo que conheço e que mais sensibilizou o meu patriotismo—haver portuguezes, e na qualidade de deputados da nação, que se dão o direito de desprezar o *Hino Nacional*!

Não será necessario mais nada para que se saiba quem é essa gente...

São os mesmos da *Falerra de Manto e Corôa*.

São os mesmos dos *adeantamentos*... Os mesmissimos!

Simões Pimenta

Ecos & Noticias

Um remendo

«O Figueirense» vem, a proposito de um *Eco* que aqui publicamos na ultima semana, falar no que ele chama a *infamia das medidas*, dizendo que, efectivamente, o sr. Joaquim d'Araujo Lacerda usava na sua adegua uma medida que tinha 3 decilitros de menos.

Diz isto «O Figueirense» e acrescenta que assim succedeu porque *algumas medidas tiveram de sofrer concertos que lhes alteraram a capacidade*, tendo a tal dos 3 decilitros a menos levado um fundo novo.

Conclusão: Se qualquer negociante de vinho quizer enganar-se involuntariamente, vendendo aos freguezes cada duplo de vinho com 3 decilitros a menos, manda por um fundo novo na medida e, quando se der por ela, declara que foi do remendo...

Ora remendo e mau remendo chamamos nós á resposta de «O Figueirense» que é, afinal, quem precisa de um... fundo novo.

Araújes...

Fantastico!

Por mais voltas que demos aos miolos, não comprehendemos esta republica... nova.

Ora vejamos: o parlamento fez uma *pateada* ao chamado secretario da justiça, indicando-lhe de uma maneira instituível o caminho a seguir—de-mittir-se.

Em face da attitude parlamentar, o chamado secretario da justiça foi ao paço e apresentou ao sr. Presidente da Republica... nova a sua demissão.

Pois a demissão não lhe foi aceita, tendo o sr. Sidonio Paes dado esta resposta ao seu secretario:

«O secretario da justiça é pessoa da minha exclusiva confiança e não do Parlamento. V. ex.ª, pois, fica.

É o regime republicano despótico esta republica... nova em que vivemos!

Quem os entender que os apoie.

A obra da policia

Na sexta-feira da semana passada formava, em bicha á porta duma merceria onde se vendia açúcar, uma grande quantidade de mulheres. Foi ali proximo da Figueira...

Um policia—armado de sabre, pistola e espingarda, como andam agora, em Lisboa, todos os policias—deu-se ao prazer de *apalpar os seios* duma pobre mulher do povo que lhe replicou, acto continuo, com uma *bem dita bofetada*.

Tambem o policia não esteve com cerimonia: puxou do sabre e meteu-lhe o pela boca abaixo, dando-lhe morte instantanea. São ordes!

—Do nosso colega «A Fronteira».

Dr. Diniz de Carvalho

Regressou a Figueiró, onde continuará a exercer as suas funções de advogado, o nosso presadissimo amigo, sr. dr. João Diniz de Carvalho, que estava frequentando em Lisboa a E. O. M.

O nosso amigo, por motivo de saude, não pôde continuar a escola, devendo ser chamado oportunamente.

Champrimentamos o dr. Diniz de Carvalho, cujo convívio muito apreciámos e com cuja amizade nos honramos sobremaneira, fazendo ardentes

votos para que a sua permanencia entre nós se prolongue o mais possivel.

Em bolandas!

O sr. major Paes estava em Belem e foi veranejar para Sintra. Agora diz-se que vai passear a Tomar, ao Porto, indo instalar-se em Cascaes.

O sr. major não pode estar quieto: vai para aqui, vai para ali, vai para acolá. Mas vai sempre á custa do Estado.

É uma... maioria que nos sai cára. Se chegasse a ser general, não se podia pagar tanto luxo.

Tem a mania das manifestações: Recebe aclamações no norte e no sul com palmas e vivas da talassaria toda e, no centro, então, é uma coisa por demais...

Era preciso inventa-lo... se não existisse.

Que é isto?!

Lembram-se os leitores de terem os jornaes da grande circulação, quando foi da *sedção de dezembro*, dito que o governo mandou arrombar o cofre do sr. dr. Afonso Costa?

Lembram-se de ter o proprio governo proplado em *notas officiosas* que dentro desse cofre foram encontrados valores importantes, insinuando que haviam sido roubados ao Estado?

Pois, apesar de se ter provado que esses valores eram propriedade exclusiva e honrada do grande estadista, ainda lhe não foram entregues!

Mas então o governo julga-se no direito de ir a casa de um cidadão arrombar-lhe o seu cofre, levar-lhe o que é seu, não lho tornar a dar e, ainda por cima, chamar-lhe ladrão?!

Que é isto, senhores?!

Censura

No numero passado, o sr. Antonio Serra, que está a fazer de administrador, e, portanto, de censor, entendeu que devia cortar um *eco* em que faziamos referencia ás violencias praticadas contra o nosso colega «Montanha» do Porto.

O sr. Serra, que tão depressa se diz camachista filiado, como evolucionista, como monarchico, como sidonista, sempre nos saiu um grande ratao!

Que grande ratao que é o sr. Serra!

Que audacia!

A corja monarchica chega ao seu auge.

N'uma das ultimas sessões da *chafarica* de S. Bento, passaram-se cenas que envergonham o paiz, já não dizemos os republicanos.

A proposito de uma polemica entre a maioria, esta, composta de monarchicos *pur-sang*, desatou a dar vivas á monarchia, num berreiro ensurdecedor, a ponto de intervirem as galerias! Já se julgam com o rei na barriga, mas estão muito enganados...

É fartar, vilanagem!

General Alfredo Schiapa Monteiro

Acompanhado de sua esposa, esteve alguns dias nesta vila o nosso respeitabilissimo amigo, sr. General Alfredo Schiapa Monteiro, professor jubilado da *faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa*.

Simões Pimenta

A seu pedido, foi transferido para Almada o nosso amigo, sr. Alfredo Simões Pimenta, escrivão do segundo officio do juizo de al-reito desta comarca.

Simões Pimenta, desde março vai para aqui, vai para ali, vai para acolá. Mas vai sempre á custa do Estado.

Exerceu, por diferentes vezes, o cargo de administrador deste concelho e foi, durante largo espaço de tempo, o director politico deste jornal.

Politicamente, foi sempre um dedicado correligionario do Partido Republicano Portuguez, em que se encontra filiado, e a luta persistente que manteve contra os reactionarios do norte do distrito acrrretou-lhe odios que se traduziam em processos crimes, alguns de certa gravidade, tendo saído sempre ileso das acusações falsamente erguidas contra ele.

Os seus sentimentos accentuada e intransigentemente reoublicanos e a forma por que soube sempre defrontar-se com a malta reactionaria que o perseguia, fez-lhe sofrer desgostos profundos, que, ultimamente, se agravaram ainda mais, chegando ao ponto de, no exercicio das suas funções e em pleno tribunal, ter sido agredido por um negro, sem que, até hoje, esse negro tivesse prestado contas á justiça desse seu procedimento selvagem.

Desgostoso por esse facto e por outros motivos de ordem particular, Simões Pimenta resolveu abandonar esta terra, onde deixa verdadeiras amizades, e ir viver entre gente branca que não tolere imposições de negros, continuando ahi e em toda a parte, a ser um republicano que sabe combater pelos principios democraticos.

Sabia o nosso amigo que aqueles, a quem uma infamissima traição colocou no poder, pretendiam vexalo com sindicancias, que chegaram a ser pedidas, com o fim de o fazerem transferir ou demittir e ele, antecipando-se a mais essa violencia, voltou-lhes as costas e pediu ele proprio a sua transferencia, que acaba de lhe ser concedida.

Se era ou não d'aquelas creatureas cuja falta se faz sentir no meio onde vivem, o tempo o dirá.

Por nós, sem sombra de duvida o afirmamos, entendemos que essa serie de perseguições de que foi vittima Simões Pimenta, como tantos outros nossos correligionarios, para não dizermos que foi um crime.

É uso antigo nestu terra, por parte dos antigos caciques monarchicos que, á laia de camaleões,

se têm revestido das varias cores politicas que attingem o poder desgostar por todas as formas aquelles que, não sendo de Figueiró, estão animados da boa vontade de servir esta terra, só porque não comungam na sua maneira de ver politica, só porque não capacham servilmente perante a falta de escrúpulos d'essa malta.

Só se sentem bem, quando estão á vontade!

Alfredo Simões Pimenta é mais um que parte, cheio de nójo por tal gente e quiçá arrependido de ter gasto tanta energia em defesa de uma terra que admite imposições de um misero negro!

Em Almada, onde vai fixar residência, por estes dias, tomam do posse do seu lugar, o nosso amigo, que todos os democraticos do distrito vêem partir com tristeza e saudade, terá o acolhimento que sempre merecem as pessoas de bem e não lhes faltará ali oportunidade de fazer aproveitar, em prol dos principios republicanos, as suas qualidades de carácter e intelligencia.

ECOS DO LENA

Com este titulo começou a publicar-se na Batalha, um semanario que se propõe a defesa dos interesses do concelho.

Ao novo colega, com que vamos estabelecer permuta, desejamos longa vida.

Um documento notavel

Manifesto do Partido Republicano Portuguez

Segundo anuncia o nosso presado colega «O Mundo», será em breves dias publicado o manifesto dirigido ao Paiz pelo Partido Republicano Portuguez. É um documento notabilissimo em que se expõe a opinião do nosso honrado partido perante a situação criada pelo dezembrismo. É analisada a obra dos ditadores de dezembro e são apreciados os problemas internacional, economico e religioso, com um criterio nitidamente patriótico e republicano. O manifesto termina com uma calorosa saudação aos soldados e marinheiros que se batem em França e na Africa, e aos que pela causa da Patria, da Republica e do partido, têm sofrido

ANIVERSARIOS

No proximo dia 10, passa o aniversario natalicio, do sr. Benjamin Augusto Mendes, comerciante nesta vila, e do menino Constantino, filho do nosso amigo, sr. Abilio David dos Reis, ajudante do conservador do registo predial, nesta comarca.

As nossas sinceras felicitações.

Administração Publica

Desde 5 de dezembro que o paiz vive absolutamente á matrona em materia de administração publica. O dinheiro do povo é aplicado misteriosamente, visto que se dispende sem que se conheça a lei votada que permite o seu dispendio. Alteram-se processos administrativos; criam-se despesas exageradas; aumentam-se receitas, tudo ao acaso sem metodo, sem legalidade, por simples capricho, para que o paiz fique sabendo nitidamente que neste paiz só um homem governa — o sr. major Pães. Realisa-se uma operação ruinosa para o paiz como foi a da compra das inúteis acções da C. C. F. P., e não se publicou o relatório da comissão de inquerito, que deve ser um curiosissimo documento, mas quasi ao mesmo tempo o governo publica no «Diário do Governo» alguns decretos alterando sem claras explicações e sem autorisação parlamentar, as taxas das contribuições industrial, sumptuaria e de renda de casa, só a pretexto de que necessita de dinheiro.

Nenhum orçamento foi submetido á assembleia de S. Bento, mas o poder não se preocupa com esse facto. A lei é só ele. A liberdade é só ele. A legalidade é só ele. A vontade do paiz é só a dele. Mais ninguém pode mandar ou impôr-se, aliaz, é fuzilado ou, na melhor das hipoteses, vai para a fronteira ou para a cadeia.

Encareceu extraordinariamente a vida domestica desde dezembro. Os generos alimenticios de primeira necessidade faltam, como nunca faltaram. Mas ninguém pode dizer coisa alguma, muni festar um dolorido queixume ou esboçar um platonico protesto, aliaz é preso por qualquer dos esbirros cadastrados que são o unico apolo do poder.

O paiz tem de tolerar semelhante administração, favoravel aos grandes e poderosos negociantes e açambarcadores, como se fosse a melhor do mundo. O homem que mais trabalhou para que se proclamasse esta situação vergonhosa, o sr. Machado Santos, esteve a dirigir a secretaria das subsistências, de onde, segundo confessa, foi escorraçado, pelos seus colegas. Pois é ele mesmo que vem atacar os seus companheiros da vespera, denunciando os seus erros e só por pudor proprio encobrendo que fez mais um tremendo disparate na sua vida.

Ele acusa erros que demonstram ignorancia, mas até vai, ainda na sua analyse a acusar actos que são menos correctos.

A situação economica do paiz apresenta assim um aspecto gravissimo, verdadeiramente deploravel, do qual todos os cidadãos portuguezes hão de sofrer as consequências mais tragicas.

O poder nunca atacou como podia e devia fazer o importante

problema das subsistências, realisando apenas o estúpido criterio economico de aumentar salarios e ordenados para fazer face aos encargos atuais da existencia, esquecendo que o preço da vida ia subir na proporção desse aumento dando como resultado ficarem todos na mesma situação. Momentaneamente essa solução agradou. Ia-se ganhar mais. Mas no dia seguinte viu-se que a formula do poder era profundamente irrisoria, porque o custo da vida sofreu logo um aumento consideravel.

O poder mostrou assim a sua incompetencia.

Perante um facto de tal gravidade só devia trabalhar para diminuir ou, pelo menos, manter estacionario o preço dos generos de primeira necessidade.

Agora aparece o poder afilissimo a desejar fazer face aos encargos que tem. Como resolve o problema? Aumentando tudo: taxas, impostos, ligeiras contribuições do povo.

Por essa forma encontramos nos no mesmo circulo vicioso. O poder anuncia que vai melhorar a vida do povo, com aumentos de salarios, mas ao mesmo tempo não trabalha para que diminua o preço dos generos de primeira necessidade e é ele proprio que aumenta os encargos que pesam sobre o mesmo povo.

Tal é a administração publica em Portugal nesta republica... nova que tendo levado ao infinito os erros da Republica e criando outros erros novos, fez bancarrota das altas qualidades que eram a caracteristica do regime republicano. Contra estes factos não ha palavras que prevaleçam. O paiz ha de acordar — e ver o que se passa. Ha de despejar da indifferença basbaque em que tem vivido á espera dos milagres do Messias. Verá que o atual poder tendo despresado as garantias populares, ainda se propõe arrancar a pele ao povo á conta de o salvar. Aumenta as taxas que sobre ele incidirão, restabelece a decima da renda de casa e irá ainda mais longe — até onde fór preciso para manter á sua validade. O povo que sofra, com resignação, aliás, já sabe — sera fuzilado como sotenemente foi prometido em Elvas.

Anima-nos a esperança em que — não ha mal que sempre dure...

(Do nosso colega «O Mundo»)

INSPECÇÃO

Como havíamos noticiado realisaram-se na passada semana nesta vila, as inspecções aos recrutas deste concelho.

A junta que era composta pelo major, sr. Alfredo de Magalhães, presidente; pelo medico, sr. dr. Albano Henriques d'Almeida e por um Alferes que servia de secretario, foi bastante rigorosa, só isentando aqueles que de facto o deviam ser.

Ponte da Barca

Do nosso presado colega o «Oertaginenas», recortamos o seguinte:

«Ao que nos informam, os trabalhos da ponte sobre o Zezere, na estrada para Figueiró, não tem tido este ano o conveniente desenvolvimento.

Não se deu ainda começo á colocação dos simples nem se vê qualquer indício de preparo de cantaria.

Chamamos a atenção dos atuais dirigentes da politica local para esta obra tão importante e a cuja conclusão estão ligadas consideraveis vantagens economicas para o nosso concelho».

—Então o presado colega admira-se disso?

Então não estamos na republica... nova, que tudo faz e tudo produz?

Nós já tínhamos dado pelo desleixo mas nada queria nos dizer, visto termos como governador civil substituto uma creatura que noutros tempos (nos demagogicos) tanto mal dizia destes, mas apesar disso os trabalhos da ponte não eram esquecidos.

Noticias pessoais

No ultimo domingo, estiveram nesta vila, os nossos amigos, srs. Alfredo Jorge e Domingos Simões, da Lomba da Casa; Manoel Henriques, da Ribeira d'Alge; Antonio Freire, do Casal do do Pedro; Manoel Simões das Sobrinas, do Fato e Albino Peretra Gregorio, do Fontão Fundeiro.

Tambem estiveram nesta vila, tendo-nos apresentado os seus cumprimentos, os nossos amigos, srs. Manoel Lourenço, de Pedrogam Grande; Manoel Martins Mano, Antonio Rodrigues Baido e Vitorino dos Santos, de Arega; Antonio da Silva, do Bairro; Antonio Francisco, do Mosteiro, e José Baido, da Foz d'Alge.

De visita a seus paes, encontra-se no Carapinhal o nosso estimado amigo, sr. José Coetho Nunes, socio da firma Eduardo Nunes & Irmão, de Castro Verde.

Esteve ante-ontem nesta vila, o nosso amigo e correligionario, sr. Antonio Vasconcelos de Sousa Manso, grande proprietario, em Arega.

Estiveram tambem nesta vila, os nossos amigos, srs. Augusto Alves Pereira, do Safrujo e Antonio Tomaz dos Anjos, dos Escalos Cimeiros, que vinha acompanhado de seus filhos, que vieram fazer exame do 2.º grau, ficando aprovados.

Gumprimentámos hoje nesta vila, os nossos amigos, srs. Eduardo Barata Salgueiro, do Troviscul, e José Simões Varandas, da Lomba da Casa.

De passagem para Ameixoeira—Pedrogam Grande, esteve nesta vila, o nosso estimado assinante, sr. João Tomaz dos Anjos, empregado no Hotel Continental, de Lisboa.

CORRESPONDENCIA

Castanheira de Pera, 7.— No domingo transacto realisou-se em Castanheira de Pera, a tradicional festa de S. Domingos, orago d'aquella freguezia, do visinho concelho, a qual este ano teve um brilhantismo desusado devido aos bons esforços da illustre comissão composta dos cidadãos Alberto da Encarnação Coelho, Manoel Dias Rolo e José Rodrigues.

Receberam pela primeira vez a comunhão 73 creanças previamente preparadas pelo reverendo paroco que pregando no acto agradou bastante, bem como no sermão da tarde tambem agradou bastante o reverendo Almeida, de Alvares.

A missa foi celebrada pelo reverendo paroco acolitado pelos reverendos Neves e Marinha, de Pedrogam Pequeno, e abrilhantada pela filarmónica local, sob a habil regencia de sr. Tiberio Fernandes, realisando-se de tarde a procissão na melhor ordem e decencia.

NOVO HORARIO

Partidas e chegadas dos combolos á estação de Pombal:

ASCENDENTES

N.º	Designação	Cheg.	Part.
15	Correio	1.22	7.28
9	Recoveiro	4.23	4.29
3	Correio	16.21	16.26
2105	Mercadorias	9.25	11.05

DESCENDENTES

N.º	Designação	Cheg.	Part.
8	Correio	3.10	3.20
10	Recoveiro	7.36	7.51
18	Correio	14.02	14.12
2120	Mercadorias	19.25	19.25

O combolo 2105 tem ligação para a linha do Norte, em Alfaielos ás 14.50 e para a Figueira da Foz ás 13.20.

O combolo 2120 liga em Alfaielos com o combolo que sae da Coimbra ás 16.35.

Camas de ferro

Ha grande variedade de camas de ferro, lavatorios, colchões e encherções, pelos preços da fabrica.

É no estabelecimento de José Miguel Fernandes David.